

## Alguns operadores aspectuais em português europeu e Português Brasileiro

*Fátima Oliveira, Luís Filipe Cunha e Sérgio Matos*

Faculdade de Letras da U. do Porto /Centro de Linguística da U. do Porto

O objectivo desta apresentação é o de analisar, do ponto de vista semântico, diferentes tipos de contrastes observados no PE e no PB quanto a alguns operadores aspectuais, em particular *estar a + inf./ger.*, e sua relação com *estar para* e *andar a*, e também *ficar a+inf./ger.* e *continuar a+inf./ger.* .

Com base nos dados disponíveis, verificámos que temos casos de paralelismo pleno de construções nas duas variedades (*começar a, passar a, deixar de, chegar a, parar de + inf.*) e de correspondência parcial ou variável (*continuar a + inf./ger., acabar de+ inf./ ger* ou *acabar de/por + inf.*), mas que também há casos de divergência (*estar a + inf./ger., ficar a/ger.*).

No entanto, o que constitui verdadeiramente o objectivo deste trabalho é tentar verificar do ponto de vista semântico as convergências e divergências, embora as construções possam ser diferentes ou semelhantes.<sup>1</sup>

Do ponto de vista semântico, consideramos que estes verbos, tendo em conta as construções em ocorrem, são operadores aspectuais. Com efeito, operam alterações no *output* e permitem verificar que são despoletadas comutações aspectuais na base, ou seja, no tipo aspectual de predicado de partida, determinando também, em vários casos, que o próprio tipo aspectual de *input* seja alterado para poder ocorrer com certos operadores, não criando anomalias semânticas.

A tipologia aspectual utilizada, proposta por Moens 1987, em parte semelhante à de Vendler, distingue em primeiro lugar estados de eventos, classificando estes últimos como processos (paralelo a 'activities'), processos culminados ('accomplishments'), culminações ('achievements') e ainda pontos (diferentes de culminações por não admitirem estado consequente). Quanto aos estados, consideramos, para além dos lexicais, os estados progressivos, os estados consequentes e os estados habituais, podendo os lexicais distinguir-se entre si, de acordo com Cunha 1998, como não faseáveis (*ser verde/ ser alto*) ou faseáveis (*ser simpático*) em virtude do diferente comportamento face aos critérios de estatividade utilizados para distinguir estados de eventos. Na base desta classificação aspectual das predicções está a concepção do Núcleo Aspectual (Moens 1987 e Moens e Steedman

---

<sup>1</sup> Gostaríamos de mencionar que, para o PB, não só utilizámos o corpus fornecido e exemplos de revistas brasileiras, assim como recorremos a um informante, o Alneu Lopes, a quem muito agradecemos.

1988) constituído por três fases principais: processo preparatório, ponto de culminação e estado consequente. Nesta perspectiva, um processo preparatório é uma fase de tipo processual e durativo, o ponto de culminação representa uma fase pontual que pressupõe uma mudança e o estado consequente descreve consequências associadas a alguns pontos de culminação.

Acrescente-se ainda que esta proposta tem também associada uma Rede Aspectual que permite, sob certas condições, a transição de um determinado tipo aspectual para outro, como por exemplo, um processo culminado a que se retire a culminação passa a processo (escrever uma carta/escrever cartas), ou pelo contrário, se associarmos uma culminação a um processo, obtemos um processo culminado (trabalhar/trabalhar até às 5 horas).

Depois desta breve introdução, a nossa apresentação incidirá em dois momentos principais: 1. O progressivo nas duas variedades em relação com *estar para* e com *andar a*; 2. *ficar a* e *continuar a*.

### 1. *Estar a* + Inf. e *Estar* + Ger.

Como sabemos, as construções progressivas têm sido objecto de estudo polémico na literatura de semântica. Não iremos aqui discutir essas questões. No entanto, convém dizer que o Progressivo em PE pode ocorrer com qualquer predicado de tipo eventivo, assim como com alguns estados (contrariamente ao que acontece com o Inglês, por exemplo<sup>2</sup>), nomeadamente aqueles que anteriormente designámos como estados faseáveis, não podendo construir-se com os não faseáveis. Em PB, parece que as mesmas restrições se aplicam, não havendo distinção entre as duas variedades neste ponto. Isto é, o *input* terá que ser um processo e o *output* um estado (progressivo).

- (1) A Maria está a trabalhar/trabalhando.
- (2) O Rui está a comer a sopa/comendo a sopa.
- (3) O Pedro está a partir/partindo.
- (4) A Ana está a tossir/tossindo.
- (5) A Rita está a viver em Paris/vivendo em Paris.
- (6) O João está ser simpático/sendo simpático.
- (7) \* O Paulo está a ser alto/\* sendo alto.

Do ponto de vista temporal, o contraste entre Presente do Indicativo e Presente Progressivo permite afirmar acerca do PE que o primeiro destes tempos mantém características temporais só com estados, enquanto com eventos provoca uma alteração aspectual, transformando-os em estados habituais. Nestes casos, é o Presente

<sup>2</sup> Um dos critérios apontados por Vlach 1981, para defender que o Progressivo opera uma alteração aspectual sobre eventos, transformando-os em estados, é o facto de o Progressivo não poder ocorrer com estados. No entanto, mesmo em Inglês, podemos ver exemplos como "She is living in New York".

Progressivo que dá a informação temporal de sobreposição (total ou parcial) com o tempo da enunciação.

Estas afirmações parecem também ser válidas em termos gerais para o PB. No entanto, com algumas eventualidades a construção com Gerúndio pode ter uma leitura de futuro ('*futurate progressive*' do Inglês) que a construção paralela em PE não apresenta. Uma frase paralela a (8) é de difícil aceitação, não podendo ter uma leitura de futuro em PE, apesar do adverbial 'na próxima semana'. No entanto, uma frase como (8') é admissível desde que se forneça uma outra localização temporal (a esta hora/às dez horas...), que sirva de ponto de perspectiva temporal distinto do da enunciação. Um outro exemplo interessante é (9) de Ilari (1983:52) que é diferente de (10):

- (8) O Pedro está partindo na próxima semana.
- (8') Na próxima terça-feira, a esta hora, o Pedro está a partir.
- (9) Estou-me mudando (daqui a alguns dias).
- (10) Os brasileiros estão mudando em relação aos encargos domésticos.

### 1.1. Estar para

Embora não tenhamos encontrado exemplos no corpus, o nosso informante considerou aceitável, com algumas restrições, exemplos com a construção *estar para + inf.* em PB. Com efeito, aceitou as frases (11)-(14), apesar de considerar preferenciais (12) e (14), comentando que estas frases parecem mais categóricas, estando as outras dependentes de uma condicionante:

- (11) Está para chegar daqui a uns dias.
- (12) Está chegando daqui a uns dias.
- (13) Está para ir para férias daqui a duas semanas.
- (14) Está indo para férias daqui a duas semanas.

Poderíamos pensar que as construções de Progressivo com leitura de futuro em PB, que não existe em PE, fossem parcialmente substituídas por *estar para+inf* em PE, variedade em que tal construção é perfeitamente aceitável.

Com efeito, convém ter presente que, se há restrições quanto ao tipo aspectual de base para o Progressivo com leitura de futuro, nomeadamente, só pode ocorrer com processos culminados e culminações, sendo ainda estas últimas as preferenciais, no caso do PE, *estar para+inf.* pode ocorrer com uma mais vasta gama de predicados, isto é, pode alargar-se também a processos nos contextos que envolvem projecção para o futuro.

- (15) Ele está para escrever o livro daqui a duas semanas.
- (16) A criança está para nascer daqui a duas semanas.
- (17) O Rui está para trabalhar na Grundig daqui a duas semanas.

Esta construção em PE pode, no entanto ocorrer com todos os tipos aspectuais, à excepção de estados não faseáveis, quando se mede uma fase pré-preparatória.

- (18) Ele está para escrever o livro há 2 meses.
- (19) Ele está para sair há duas horas.
- (20) Ele está para espirrar há 5 minutos.
- (21) Ele está para viver em Paris há 2 meses.
- (22) Ele está para correr há uma semana.

Por outro lado, compare-se os seguintes exemplos em que o primeiro não tem senão a leitura típica de Progressivo:

- (23) Estou morando na rua da Boavista.
- (24) Estou para morar na rua da Boavista.

A leitura de *estar para+ inf.* deve-se à existência de uma fase pré-preparatória em que apenas se estabelece um plano com vista a constituir um processo preparatório. Nesta medida consideramos que não se trata de um operador aspectual, mas antes de um perspectivador, que mede a duração da fase pré-preparatória, marcando eventualmente o começo da fase preparatória.

Quanto à leitura de futuro das construções progressivas em PB, parece-nos que ela se deve em parte a uma projecção temporal que só pode ocorrer quando temos Progressivo presente e com predicados que envolvem uma culminação. É uma diferença em relação ao PE, mas que representa um alargamento a esta construção de algo que acontece nas duas variedades, que é a utilização do presente com leitura de futuro. Não nos parece, no entanto, que possamos falar de fase pré-preparatória nesta leitura de futuro do Progressivo em PB. Compare-se:

- (25) Esteve para se mudar daí a duas semanas.
- (26) \* Esteve se mudando daí a duas semanas.

### 1.2. *Andar a +Inf. e Andar +Ger.*

Esta construção em PE está aparentada do ponto de vista semântico com *estar a + inf.* Com efeito, as categorias base são as mesmas (eventos e estados faseáveis) e o *input* também (processo básico ou derivado), sendo o *output* diferente (estado habitual ou frequentativo vs. estado progressivo) (cf. Cunha 1998). No entanto, verificámos que construções no Progressivo com leitura habitual em PB correspondem em PE a construções com *andar a +inf.*, embora as construções com Progressivo também sejam possíveis. Vejam-se os seguintes exemplos em que os de PB são de Ilari (1983:31):

- (27) Pedro está tomando um café após cada refeição.
- (28) O Pedro anda a tomar um café após cada refeição.
- (29) Ultimamente estou gostando de viajar pela Varig.
- (30) (Ultimamente) ando a gostar de viajar pela Varig.
- (31) Ultimamente estou ficando em casa à noite.
- (32) (Ultimamente) ando a ficar em casa à noite.
- (33) Estou empurrando o carro toda manhã desde que acabou a bateria.
- (34) Ando a empurrar o carro (todas as manhãs) desde que acabou a bateria.

Em PE, a leitura habitual com operadores aspectuais pode ser obtida recorrendo ao operador *andar a + inf.*. Por isso, nesta variedade, os elementos, para além do tempo Presente, que despoletam uma leitura habitual podem estar omitidos quando estamos perante o operador *andar a*. Em PB, ambas as construções são também possíveis, isto é, *andar+ger* e *estar +ger*, sendo necessário, neste último caso, haver alguns elementos indutores de habitualidade, contrariamente ao que sucede com *andar+ger.*. Parece, assim, haver semelhanças entre as duas variedades, como os exemplos (34)-(35) de PE mostram, contrariamente ao que seria de supor, pela pouca ocorrência de casos com *andar+ger.*. Quando é possível construir frases habituais com Progressivo, a operação dá-se sobre frases habituais, o que é evidenciado pelo facto de, nestes exemplos, a ausência de *ultimamente* ou *todas as manhãs*, tornar as frases pouco aceitáveis. É, porém, curioso um exemplo, em PB, como (36), de difícil aceitação em PE, embora se esteja perante um estado faseável, o que revela que outros factores devem também ser considerados.

- (34) ??(Ultimamente) estou a gostar de viajar de avião.
- (35) Estou a empurrar o carro ??(todas as manhãs) desde que acabou a bateria.
- (36) O futebol brasileiro andou sendo um futebol muito violento.

Podemos assim dizer que, em PB se utiliza o Progressivo não só em casos paralelos aos do PE, mas também em casos em que nesta última variedade se recorre a outras construções como *estar para*, nomeadamente na leitura de futuro, em relação ao momento da enunciação. *Andar*, embora pouco frequente em PB, revela paralelismo semântico com o mesmo operador em PE.

### 2.1. *Ficar a + Inf. e Ficar + Ger.*

Como teremos oportunidade de constatar ao longo desta breve exposição, existem, no PE, importantes afinidades que aproximam o operador *ficar a* do Progressivo. Um dos pontos de contacto mais relevantes parece ser, com efeito, o tipo de restrições que surpreendemos no que diz respeito às categorias aspectuais capazes de co-ocorrer com as referidas formas linguísticas. Assim, tal como observámos para o Progressivo, o operador *ficar a* admite unicamente, no seu escopo, estados

faseáveis e eventos, incompatibilizando-se, em geral, com estados não faseáveis. Os exemplos que se seguem ilustram bem este facto:

- (37) a. \* O João ficou a ser alto. (estado não faseável)  
 b. \* A Maria ficou a ter um B.M.W.. (estado não faseável)  
 c. A Ana ficou a gostar de linguística. (estado faseável)  
 d. O Jorge ficou a dormir. (processo)  
 e. O Nuno ficou a ler o jornal. (processo culminado)  
 f. O assaltante ficou a morrer (depois do tiro). (culminação)  
 g. O Pedro ficou a espirrar. (ponto)<sup>3</sup>

Uma análise atenta dos dados que acabámos de apresentar permite-nos, de igual modo, concluir que o *input* apropriado para o operador em causa será, tipicamente, de cariz processual. Com efeito, somos confrontados, também aqui, com uma espécie de Paradoxo do Imperfectivo (cf. Dowty 1979), que nos leva a acreditar que as situações télicas envolvidas nestas estruturas terão que perder a culminação para se constituírem como o seu *input* desejável.<sup>4</sup> Por outro lado, sempre que os pontos surgem no contexto sob análise, parecem ostentar, forçosamente, uma leitura iterativa, o que indicia que foram previamente convertidos em processos. Estas observações estendem-se, como vimos, às eventualidades que comparecem com o Progressivo, pelo que será lícito admitir que o *input* requerido por ambas as construções terá, basicamente, o mesmo “perfil” aspectual: o de um processo (básico ou derivado).

Quanto ao *output* de *ficar a*, existem, aparentemente, indícios suficientes para o considerarmos de natureza eventiva. Na realidade – e independentemente da categoria da predicação-base –, as estruturas com *ficar a* recebem uma interpretação preferencial de habitualidade com o Presente do Indicativo (cf. (38)) e comparecem, no Pretérito Perfeito, em orações subordinadas de temporais introduzidas por *quando* (cf. (39)):

<sup>3</sup> Parece haver restrições adicionais (com maior incidência sobre culminações) que, em determinadas circunstâncias, impedem algumas predicções de se combinarem com *ficar a*, como os exemplos seguintes nos sugerem:

- (i) \* O João ficou a ir do Porto para Lisboa. (processo culminado)  
 (ii) \* O comboio ficou a partir. (culminação)  
 (iii) \* O Zé ficou a chegar a casa. (culminação)

Dada a perfeita aceitabilidade de exemplos como (37)e,f, não se nos afigura razoável imputar este tipo de anomalia semântica exclusivamente às propriedades aspectuais das predicções envolvidas, sendo necessário, por conseguinte, investigar outros factores que possam estar na origem de tal comportamento. Não estamos, no entanto, em condições de desenvolver um estudo de tão grande complexidade no âmbito da presente comunicação, na medida em que este procedimento nos desviaria bastante dos objectivos a que nos propusemos.

<sup>4</sup> Note-se que, mesmo quando frases como “O João ficou a comer a sopa” ou “A Rita ficou a ganhar a corrida” descrevem estados de coisas verdadeiros, isso nunca significa que as suas correspondentes fora do escopo do operador, i.e., “O João comeu a sopa” ou “A Rita ganhou a corrida”, recebam igualmente um valor de verdade positivo.

- (38) a. A Ana fica a chorar todos os dias de manhã/?? agora mesmo.  
 b. O João fica a ler o jornal habitualmente/?? agora mesmo.
- (39) a. Quando a Maria ficou a chorar, o pai deu-lhe um presente.  
 b. Quando o doente ficou a respirar com dificuldade, o médico ligou o ventilador.

Muito significativo, a este respeito, é o contraste com o Progressivo, no contexto de orações temporais introduzidas por *quando*: enquanto as construções integrando *ficar a* ocorrem, preferencialmente, com o Pretérito Perfeito, ocasionando uma interpretação de sucessividade, as estruturas progressivas, pelo contrário, admitem, com maior facilidade, o Imperfeito, dando lugar, em geral, a uma leitura inclusiva do evento com que comparecem no estado que representam. Observem-se as seguintes frases:

- (40) a. Quando a Maria ??esteve/estava a fazer o almoço, o João foi às compras.  
 b. Quando a Maria ficou/\* ficava a fazer o almoço, o João foi às compras.
- (41) a. Quando o Rui lhe deu alpista, o canário estava/? esteve a cantar.  
 b. Quando o Rui lhe deu alpista, o canário \* ficava/ficou a cantar.

Também as possibilidades combinatórias de *ficar a* com os adverbiais temporais indiciam, pelo menos até certo ponto, que nos encontramos perante um evento de natureza pontual, na medida em que somos confrontados com uma leitura que identifica a duração da situação com a do adverbial “momentâneo” (cf. (42)). No entanto, trata-se de um evento pontual muito particular: ao contrário da grande maioria das culminações, que, embora implicando a presença de um estado consequente, não o explicitam no seu “perfil” temporal interno, as estruturas com *ficar a* parecem revelar a capacidade de expressar linguisticamente tal elemento, como a comparência de adverbiais de duração no contexto em causa sugere (cf. (43)).

- (42) a. O João ficou a tomar o pequeno-almoço às dez da manhã.  
 b. A Maria ficou a ver televisão às duas da manhã.
- (43) a. O João ficou a tomar o pequeno-almoço durante meia hora.  
 b. A Maria ficou a ver televisão durante meia hora.

Embora estejamos, em princípio, face a um evento pontual, este manifesta, por vezes, propriedades, como a “duratividade”, que caracterizam as situações estativas, já que suporta a realização explícita de um estado consequente.

Confrontando os dados do PE com os do PB, verificamos que, de um modo geral, as possibilidades combinatórias disponíveis para o operador que estamos a investigar são, basicamente, idênticas nas duas variedades. No entanto, tal como acontece com o Progressivo, apenas a construção *ficar + Ger.* parece ser admitida no PB. As frases retiradas do corpus vão ao encontro do que acabámos de referir.

- (44) a. Você fica dia e noite escrevendo.  
 b. Eu ficava babando e ficava olhando.  
 c. Foi quando fiquei sabendo que havia (...).<sup>5</sup>  
 d. Fiquei lendo e tentando decorar o script. (*Isto É Gente*, p. 44)  
 e. Vamos dar um destino decente a estas crianças que ficam andando perdidas pelas ruas. (*Isto É Gente*, p. 69)

Tal como observámos para o PE, o recurso ao Presente do Indicativo, neste tipo de construção, favorece uma leitura frequentativa ou habitual (vejam-se os exemplos em (44)a,e), que podemos estender a formas do Imperfeito (cf. (44)b). Por outro lado, não encontramos quaisquer casos em que *ficar* + *Ger.* se associa a estados manifestamente não faseáveis. Com efeito, frases como “\*O João ficou sendo alto” não são consideradas aceitáveis na opinião do informante consultado.

Afigura-se-nos possível concluir que, apesar de divergências em termos formais, o operador *ficar a+inf.*, no PE, e o operador *ficar* + *Ger.*, no PB, manifestam propriedades semânticas e aspectuais muito próximas, seja ao nível do seu *input* (incapacidade de se combinarem com estados não faseáveis e tendência para a redução das predicções-base com que comparecem a processos), seja no que respeita ao seu *output*, pois em ambos os casos as formas do Presente do Indicativo recebem uma leitura preferencial de habitualidade, remetendo para a natureza eventiva da estrutura sob análise.

### 3.2. *Continuar a +Inf. e Continuar + Ger.*

Em contraste com o que acontece aos operadores anteriormente investigados, a forma *continuar a* revela a capacidade de suportar no interior do seu escopo qualquer classe aspectual de predicção. Com efeito, apenas algumas culminações dão origem a anomalia semântica no referido contexto, merecendo especial destaque a possibilidade de ocorrência de estativos de qualquer tipo:

- (45) a. O João continua a ser alto. (estado não faseável)  
 b. O meu casaco continua a ser verde. (estado não faseável)  
 c. A Maria continua a ser simpática. (estado faseável)  
 d. O Luís continua a gostar de linguística. (estado faseável)  
 e. O João continua a trabalhar. (processo)  
 f. A Ana continua a escrever a tese. (processo culminado)  
 g. O Rui continua a ganhar a corrida. (culminação)  
 h. O Pedro continua a espirrar. (ponto)

<sup>5</sup> Embora esta frase possa receber também uma interpretação estativa, tal facto não impede que lhe possa ser conferida, igualmente, uma leitura eventiva, como (i) e (ii) nos sugerem:

- (i) Às cinco da tarde, soube que havia (...).  
 (ii) O João irritou-se quando soube que havia (...).

Será esta segunda interpretação que está em causa quando o operador *ficar a* intervém.



Surpreendem-se, contudo, importantes variações, em termos de comportamento linguístico, entre *continuar a* em combinação com estados não faseáveis, por um lado, e *continuar a* no contexto das restantes categorias aspectuais, por outro, que nos levam a admitir a necessidade da postulação de dois operadores aspectuais semanticamente distintos. Observem-se os seguintes contrastes:

- (46) a. \* O João continuou a ser alto durante duas horas.  
 b. \* O meu casaco continuou a ser verde durante duas horas.  
 c. A Maria continuou a ser simpática com os clientes durante duas horas.  
 d. O João continuou a trabalhar durante duas horas.  
 e. A Ana continuou a escrever a tese durante duas horas.  
 f. O Rui continuou a ganhar a corrida durante duas horas.  
 g. O Pedro continuou a espirrar durante duas horas.
- (47) a. \* O João está a continuar a ser alto.  
 b. \* O meu casaco está a continuar a ser verde.  
 c. A Maria está a continuar a ser simpática com os clientes.  
 d. O João está a continuar a trabalhar.  
 e. A Ana está a continuar a escrever a tese.  
 f. O Rui está a continuar a ganhar a corrida.  
 g. O Pedro está a continuar a espirrar.

Divergências como estas apontam, de modo muito claro, para a obrigatoriedade de considerarmos separadamente os casos em que o operador em causa se associa a estados não faseáveis e aqueles em que ocorre com as restantes classes aspectuais de predicacões.

No que diz respeito às construções envolvendo estados faseáveis e eventos, os procedimentos conducentes à determinação do seu input parecem poder prosseguir um caminho perfeitamente paralelo ao traçado para operadores como *ficar a* ou *o de* Progressivo. Na realidade, também aqui somos confrontados com uma “variante” do designado Paradoxo do Imperfectivo (i.e., se “A Ana continuou a escrever a tese” ou se “O Rui continuou a ganhar a corrida” descrevem estados de coisas verdadeiros, isso não implica forçosamente que “A Ana escreveu a tese” ou “O Rui ganhou a corrida” alguma vez venham a obter igual valor de verdade). Deparamo-nos, por outro lado, com a obrigatoriedade da iteração dos pontos para a posterior integração nestas estruturas. Os factos que acabámos de descrever indiciam, mais uma vez, a presença de um input de natureza processual subjacente a este género de construção.

No que se refere à configuração *continuar a + estados não faseáveis*, o único candidato credível para se constituir como seu input será a categoria dos estados não faseáveis, na medida em que, como sabemos, os representantes de tal classe aspectual estão, por natureza, impedidos de sofrerem quaisquer alterações tipológicas no interior da Rede de Moens (1987).

Também os outputs que se constituem como resultado da aplicação dos dois operadores que partilham a forma continuar a vão manifestar características bastante diferentes, como, de resto, os exemplos (46) e (47) nos revelam. No caso da selecção de eventos, a possibilidade de ocorrência com adverbiais de simples duração, conjugada com a facilidade de integração sob o escopo do Progressivo, remete para um output processual. Tal facto é-nos confirmado pelo comportamento deste tipo de construções face ao Presente do Indicativo, que produz uma leitura preferencialmente habitual (cf. (48)), e às orações temporais com quando, em que o recurso ao Pretérito Perfeito se afigura muito natural (cf. (49)):

- (48) a. A Maria continua a ser simpática com os clientes todos os dias.  
 b. O João continua a trabalhar habitualmente.  
 c. A Ana continua a escrever a tese todas as manhãs.  
 d. O Rui continua a ganhar a corrida frequentemente.  
 e. O Pedro continua a espirrar frequentemente.
- (49) a. Quando foi transferida de posto, a Maria continuou a ser simpática com os clientes.  
 b. Quando foi despedido, o João continuou a trabalhar.  
 c. Quando recebeu a bolsa, a Ana continuou a escrever a tese.  
 d. Quando chegou à última volta, o Rui continuou a ganhar a corrida.  
 e. Quando o médico saiu, o Pedro continuou a espirrar.

Os exemplos em (48) e (49) contrastam flagrantemente com os de (50) e (51). Aqui, a interpretação habitual do Presente do Indicativo é inequivocamente bloqueada e a participação em orações temporais com quando de Pretéritos Perfeitos mostra-se igualmente inaceitável, o que nos leva a acreditar que o output do operador em causa será de cariz eminentemente estativo:

- (50) a. \* O João continua a ser alto habitualmente.  
 b. \* O meu casaco continua a ser verde frequentemente.  
 c. \* O Nuno continua a ter um B.M.W. todos os dias.
- (51) a. \* Quando o vi pela última vez, o João continuou a ser alto.  
 b. \* Quando o vesti, o meu casaco continuou a ser verde.  
 c. \* Quando fez 18 anos, o Nuno continuou a ter o B.M.W. azul.<sup>6</sup>

Parece ser possível concluir, com base na argumentação que acabámos de expor, que continuar a participa em duas estruturas aspectuais marcadamente diver-

<sup>6</sup> Contrastem-se os seguintes exemplos, que favorecem uma leitura estativa, graças à presença do Imperfeito:

- (i) Quando o vi pela última vez, o João continuava a ser alto.  
 (ii) Quando o vesti, o meu casaco continuava a ser verde.  
 (iii) Quando fez 18 anos, o Nuno continuava a ter o B.M.W. azul.

gentes, quer no que diz respeito ao seu input, quer no que se refere ao seu output. Numa das suas realizações, *continuar a* aplica-se a processos (básicos ou derivados), dando origem a um output igualmente eventivo; na outra, o referido operador combina-se com estados não faseáveis, mantendo, como era de prever, a categoria inalterada ao nível do seu “perfil” temporal interno final.<sup>7</sup>

Mais uma vez, parece possível detectar certos paralelismos, ao nível semântico, que aproximam o PE do PB, no que toca à construção que estamos a analisar. Nesse sentido, as restrições, em termos de categorias aspectuais que se podem constituir como input do operador, parecem ser, basicamente, idênticas nas duas variedades. Contudo, ao contrário do que se verifica em relação ao PE, o PB revela uma preferência inequívoca pelas estruturas com Gerúndio, não rejeitando, porém, a utilização do Infinitivo nos contextos em causa. Este é um facto algo surpreendente, se confrontado com o que nos foi dado observar para os operadores aspectuais anteriormente explorados. Impõe-se, por conseguinte, a questão de saber em que medida se torna lícito o recurso a formas envolvendo o Infinitivo, face à configuração mais generalizada integrando o Gerúndio.

Tendo em conta as indicações fornecidas pelo nosso informante, colocaremos, mesmo que experimentalmente e com algumas reservas, a hipótese de que o Infinitivo só poderá vir a ser utilizado – e ainda assim enfrentando fortes restrições e veiculando informação semântica muito específica (como uma certa sofisticação a nível do discurso ou a noção de uma projecção para o futuro) – em combinação com estados de cariz não faseável, encontrando-se tal possibilidade vedada, por conseguinte, ao operador que actua sobre eventos. Observem-se as seguintes frases:

- (52) a. O João continua sendo/? a ser alto.  
 b. O Nuno continua tendo/? a ter um B.M.W..  
 c. A Ana continua sendo/? a ser feliz.  
 d. O João continua trabalhando/\* a trabalhar.  
 e. A Ana continua escrevendo/\* a escrever a tese.  
 f. O Rui continua ganhando/\* a ganhar a corrida.  
 g. O Pedro continua espirrando/\* a espirrar.

Por outras palavras, a alternância entre Infinitivo e Gerúndio, no contexto de estruturas envolvendo *continuar a*, no Português do Brasil, parece unicamente possível quando estão em causa estados não faseáveis, sendo, nesse caso, a forma Infinitiva a mais “marcada”, não apenas por manifestar um número de ocorrências reduzido (pelo menos no que diz respeito ao corpus que nos serviu de base para este trabalho), mas também por comportar informação semântica extremamente especializada.

<sup>7</sup> Sob este ponto de vista, a função primordial do operador *continuar a* parece não ser a de converter determinada categoria numa outra, de estatuto aspectual diferente, mas antes a de excluir uma certa “porção” (inicial) da eventualidade com que se combina, por forma a dar conta da ideia de “continuação” ou de “prolongamento” de uma situação, tal como Cunha (1998) sugere.

Os exemplos encontrados no corpus, embora nem sempre muito esclarecedores, essencialmente devido ao alto grau de complexidade que manifestam, parecem, contudo, enquadrar-se, sem problemas, na hipótese que aqui foi proposta.

- (53) a. Continuamos juntando explosivos no jardim.  
 b. O humorista vai continuar sendo um indignado, vai continuar denunciando o ser humano.  
 c. O jaguar vai continuar sendo cáustico, ferino.  
 d. Eu continuarei (...) sendo o Roberto Carlos do humor.
- (54) a. O enigma Putin continua a desafiar o Ocidente. (Isto É, p. 120)  
 b. (...) continua a se declarar um comunista. (Isto É Gente, p. 87)

Mesmo tendo em vista que nos encontramos perante um corpus bastante exíguo, poderemos constatar que as frases em (53) contemplam uma diversidade de categorias aspectuais bem superior àquela que surpreendemos em (54), sendo, para além disso, numericamente mais relevantes, o que vai ao encontro da ideia de que a utilização do Gerúndio, em PB, é preferencial e mais abrangente em termos aspectuais. As duas frases em (54), por seu lado, aparentam ser bem menos usuais e integram, preferencialmente, estativos. Na verdade, a adição de um adverbial que indique habitualidade a (54)a parece praticamente impossível (cf. (55)), o que nos remete directamente para o seu carácter estativo:

- (55) \* O enigma Putin continua a desafiar o Ocidente habitualmente.

Uma construção como a de (54)b revela-se ainda mais difícil de testar, na medida em que é ambígua entre uma leitura eventiva (i.e., em que “X declarar-se um comunista” significaria “X afirmar (N vezes) que é comunista”) e uma leitura estativa (em que “declarar-se um comunista” significa, essencialmente, “assumir-se enquanto comunista”). Embora não nos seja possível estabelecer, por meio de “testes” linguísticos de que leitura se trata, o contexto em que a proposição se insere favorece, em nosso entender, a segunda interpretação proposta, o que nos permitirá manter a hipótese anteriormente adiantada.

## Conclusões

Os operadores aqui considerados correspondem fundamentalmente, em PE, à construção com Infinitivo e em PB com Gerúndio, embora se verifique em PB as duas possibilidades de construção, como é o caso de continuar. No entanto, esta distinção na forma envolve alguns tipos de divergências e de convergências semânticas.

Com efeito, *estar a+inf./ger.*, *ficar a +inf./ger.* e *continuar a +inf./ger.* apresentam tendencialmente, do ponto de vista semântico, o mesmo input (um processo) e

o mesmo output (respectivamente: estado progressivo, evento pontual+estado consequente e processo). Quanto a *andar a+inf/ger*, o input é também um processo e o output um estado habitual, podendo esta configuração obter-se em PB e em PE com o Progressivo, desde que estar opere sobre uma frase habitual. Contudo, deve ressaltar-se que a leitura de futuro da construção progressiva em PB não existe em PE e que ao mencionar *continuar+ger*, só estamos a falar de um dos usos deste operador em PE. De facto, nos casos em que *continuar+ inf* ocorre em PB, os dados apontam no sentido de só ser possível a combinação com estados não faseáveis.

Porém, a escassez de dados, por um lado, e as dificuldades oferecidas pelos exemplos do corpus, por outro, não nos permitem avançar mais na investigação aqui iniciada. Limitar-nos-emos, pois, a deixar estas tentativas de explicação em aberto, esperando poder vir a testá-las devidamente em trabalho posterior.

### Bibliografia

- Cunha, Luís Filipe, 1998 *As Construções com Progressivo em Português: uma Abordagem Semântica*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Univ. do Porto.
- Dowty, David R., 1979 *Word Meaning and Montague Grammar. The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and Montague's PTQ*, Dordrecht: D. Reidel Pub. Comp..
- Kamp, Hans & Uwe Reyle, 1993 *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Matos, Sérgio, 2000 *Adverbiais de Tempo em Português Contemporâneo: Forma e Significação*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Univ. do Porto.
- Moens, Marc, 1987 *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Dissertação de Doutoramento. Univ. de Edimburgo.
- Oliveira, Fátima, 1996, "Algumas Peculiaridades do Aspecto em Português" in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol.II, Lisboa: Colibri/APL, p. 151-190.
- Vlach, Frank, 1981, "The Semantics of the Progressive" in Tedeschi, P.&A. Zaenen (orgs.) *Syntax and Semantics 14*, Nova Iorque: Academic Press, p. 271-292.
- Vendler, Zeno, 1967 *Linguistics in Philosophy*, Nova Iorque: Cornell Univ. Press.